

PARA ALÉM DO VIDRO:
DIÁLOGOS COM *JANELA*
INDISCRETA: CRÓNICAS DA
EMERGÊNCIA, DE ISABEL
CRISTINA MATEUS

Beyond the glass: dialogues with
Rear window: emergency chronicles,
by Isabel Cristina Mateus

MARTA MARQUES¹

marquesmarta@ua.pt

Universidade de Aveiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9453-1600>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_11

Texto recebido em / Text submitted on: 29/05/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 04/09/2023

Biblos. Número 9, 2023 • 3.^a Série

pp. 237-251

¹ Doutoranda em Estudos Literários, na Universidade de Aveiro, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref. 2020. 08745. BD). Membro em formação do Centro de Línguas e Culturas, pertencente ao Departamento de Línguas e Culturas da mesma instituição.

RESUMO

Aquele mês de março de 2020 veio trazer ao mundo uma nova realidade que, depois de três anos volvidos, não voltaria a ser a mesma: instituiu-se o teletrabalho, começou a valorizar-se mais a casa enquanto lar, mas também enquanto espaço de recolhimento do “eu”. Aquele 2020 pandémico veio assinalar um marco na literatura portuguesa, sobretudo num género que se permitiu ser escrito em simultâneo com os acontecimentos, testemunhando a guerra sanitária lá fora e os conflitos internos vividos pelo cronista que, olhando para si, usou a janela do olhar também para os outros. O presente artigo visa propor uma reflexão sobre o modo como a crónica literária e, em particular, a antologia de Isabel Cristina Mateus veio documentar um tempo detergente, com tanto de medo como de possibilidades de descoberta interior/exterior.

Palavras-chave: Crónica; testemunho; pandemia; conflito; Isabel Cristina Mateus.

ABSTRACT

That March of 2020 brought a new reality to the world that, after three years, would never be the same: telecommuting was instituted, the house began to be valued more as both a home and a space for introspection. That pandemic year of 2020 marked a milestone in Portuguese literature, especially in a genre that allowed itself to be written simultaneously with the events, bearing witness to the sanitary war outside and the internal conflicts experienced by the chronicler who, looking at himself, also used the window of perception to observe others. This article aims to propose a reflection on how literary chronicles, particularly Isabel Cristina Mateus' anthology, documented a cleansing time, with as much fear as inner/outer discovery.

Keywords: Chronicle; testimony; pandemic; conflict; Isabel Cristina Mateus.

CRÓNICA – FALAR A VERDADE A MENTIR²

Vinda do folhetim, a crónica inscreve-se como um texto breve, de tema diverso e escrita em jeito de conversa com o leitor, sendo o narrador uma personagem inventada pelo cronista: um *alter ego* seu ou um outro, completamente alheio a si. Este é talvez o primeiro aspeto polémico da crónica: quanto de autobiográfico existe nela? Quanto se distanciam o autor e o narrador? A melhor resposta parece ser a do cronista brasileiro Antônio Prata³:

Veja bem: apesar de este texto figurar no alto de uma página de jornal, veículo cujo propósito é publicar notícias, este texto não é uma notícia. Este texto é uma crónica. A diferença, grosso modo, é que as notícias só às vezes são ficção, enquanto as crónicas sempre são. [...] Se eu digo que comprei uma bicicleta ou que pulei de paraquedas, pode ter a certeza que é [mentira]. Afinal, mesmo que eu tenha de facto comprado uma bicicleta ou pulado de paraquedas, ao escrever a crónica vou mudar a cor do banco, aumentar a queda-livre, vou sair empinando pela Marginal, talvez bata papo com um urubu.

(Prata, 2015)

Tendo como objetivo explicar que, para a crónica, a verdade dos acontecimentos não é uma premissa para a sua aceitabilidade no jornal, a crónica assume-se como o único texto do jornal ou revista, pensando no século XXI,

² Este subtítulo teve como inspiração o posicionamento assumido por Lídia Jorge, quanto à possibilidade de evocar a mentira no registo literário: “Deixem, pelo menos de vez em quando, que a palavra mentira permaneça no seu grau simbólico de alteração gratuita da realidade. É dessa mentira que eu gosto, é dessa que é feita a Literatura e a Arte. Há muito que a humanidade se teria enforcado nas abas de uma figueira, se a vida não fosse temperada por um frívolo espaço de irrealidade. Viva, pois, a mentira como fantasia inocente! A mentira é a primeira condição da Arte.” (Jorge, 2020: 132).

³ A evocação de cronistas brasileiros num trabalho sobre crónica portuguesa afigura-se pertinente na legitimação e explicação da crónica enquanto género literário, na medida em que a prática da crónica no Brasil, com os contornos atuais (subjatividade, ficcionalidade, carácter reflexivo, tom leve ou humorístico), apresenta uma maior tradição, sobretudo no domínio da metacrónica – texto de tom ensaístico, que visa tecer ponderações de âmbito teórico sobre a crónica enquanto género literário.

em que se pode fingir ou ficcionalizar. Não mentindo, o cronista tem liberdade para adicionar peripécias ou acrescentar cor às personagens que escolheu para figurarem no seu espaço e no seu tempo. Tudo isto porque, precisamente, a crónica não é uma notícia e, sendo um texto de autor, habitualmente escritor de ficção, ela também não tem a responsabilidade da notícia, nem chega a ter o objetivo do texto de opinião: não há ninguém para informar, ninguém para convencer. A crónica serve primeiro o propósito de deleitar⁴ e, depois, talvez sem querer (ou num querer disfarçado de indiferença), serve o propósito de questionar ou fazer o leitor refletir sobre aspetos da massa humana, como propôs Jorge de Sá (1985), naquela que terá sido a mais significativa publicação sobre crónica até aos dias de hoje, intitulada “A crónica”. Embora tenham já surgido outras publicações cujo propósito correspondeu a uma tentativa de teorização deste género, nomeadamente em Portugal, o facto é que, na minha perspetiva, pouco se adiantou relativamente àquilo que Sá tinha proposto como aspetos transversais à prática da crónica na contemporaneidade. A crítica tem-se acomodado um pouco a constatações de âmbito generalista, escondendo-se por detrás de autores que deram os primeiros passos na reflexão do género, como, precisamente, Jorge de Sá e John Gledson (2006), no Brasil, ou, no panorama português, Maria Helena Santana (1995, 2003). Mais do que traçar uma cartografia teórica do género, tem-se privilegiado uma antologia deste último, que, muitas vezes, e por si só, não basta para definir e situar o estado da crónica.

Pela sua fluidez e diversidade temática, a crónica tem sido frequentemente colocada pelos próprios cronistas à margem do espaço literário em Portugal. A título de exemplo, Manuel António Pina, importante cultor da crónica em Portugal, nunca se considerou cronista. Para ele, a crónica

⁴ Cândido Oliveira Martins, num seu artigo sobre olhares e discursos plurais da crónica em tempos de pandemia, falava, justamente, da vertente de deleite presente na crónica contemporânea: “Contrariando a voracidade de Cronos e transcendendo o tempo através da espessura contagiante das suas reflexões, beleza e poeticidade, crónicas como estas [as de Isabel Cristina Mateus] estão animadas por um manifesto sopro literário que as fará perdurar para depois desta circunstância. Mais do que o pretexto dos assuntos imediatos, referenciais e tempestivos, é a linguagem da crónica e a rica tessitura das modalidades da sua enunciação verbal que a tornam intempestiva, memorável e um discurso de pleno sentido.” (Martins, 2021: 121).

era como uma servidão diária que afirmava com humor só aceitar para alimentar a legião de gatos que tinha em casa e que só serviriam, como tudo o que é jornal e como diziam os velhos tipógrafos do *JN*, num dito que ele tantas vezes citava, para embrulhar peixe no dia seguinte.
(citado em Sousa Dias, 2014: 8)

Autor muito eclético na prática de vários géneros literários para diferentes públicos, desde o teatro à poesia, sempre em conjugação com a prática jornalística, parece um pouco injusto que a sua crónica, também ela eclética, profunda e metamórfica (na forma e no estilo), e apenas pela sua medida breve, não lhe mereça a atenção dos outros géneros⁵. É por isto que me parece de escassa utilidade a definição da crónica como literária ou jornalística e, posteriormente, o seu enquadramento em categorias. Cabem nela tantos temas, tantas formas de expressão e tantas vozes, que o melhor mesmo será dar ouvidos (ou bons olhos) àquilo que Luís Fernando Veríssimo escreveu sobre a crónica e sobre as (des)vantagens da sua permanente catalogação:

A discussão sobre o que é, exatamente, crónica é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é uma crónica, conto

⁵ Incurrendo num paradoxo, o mesmo autor disse ainda, em entrevista para a revista *Visão*, que a poesia, quando comparada à crónica “É trabalho, claro, mas não é penoso. Para isso já me bastam as crónicas, e o jornalismo...” (Pina *apud* Almeida, 2009). Com esta afirmação, talvez o autor quisesse demonstrar que a dificuldade da crónica reside na sua versatilidade, no seu largo espectro, o que a torna difícil de disciplinar, na hora da redação: no meio de tantas ideias, tantas possibilidades, o cronista, por vezes, sente-se perdido, afinal, a escolha é infinita. A este respeito, Drummond de Andrade escreveu: “Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos. // Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda a natureza, inclusive a simples claridade da hora vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infel) do dicionário. // [...] Você esperando que os outros vivam, para depois comentá-las com as maior cara-de-pau [...]” (Andrade *apud* Massi, 2021: 197-198).

ou outra coisa interessa aos estudiosos da literatura [...]. Você, que é um consumidor do ovo e do texto, só tem que saboreá-lo e decidir se é bom ou ruim, não se é crónica ou não é. Os textos estão na mesa: fritos, estrelados, quentes, mexidos... Vocês só precisam de um bom apetite.
(Veríssimo, 1999: 4)

Partindo do pressuposto de que todas as crónicas que integram o corpus analítico deste artigo se inserem no domínio literário, atendendo à relevância que nele assume o investimento ficcional de situações e personagens e o cuidado trabalho da palavra, *Janela indiscreta*, de Isabel Cristina Mateus, acaba, na verdade, por impor uma relativização do ímpeto categorizador que, regra geral, persegue o crítico literário, até porque o próprio texto viabiliza outras possibilidades de exploração.

***JANELA INDISCRETA* OU O DESCONFINAMENTO DO OLHAR**

Levando em consideração que estas crónicas retratam tão bem um tempo em que todos nos vimos fechados em casa, por conta de uma pandemia ainda pouco estudada, espécie de Adamastor que nos vedou o mundo e nos trouxe, quiçá, e pela primeira vez no mundo contemporâneo, a ideia de que o homem é mesmo “um bicho da terra tão pequeno”, como escreveu Camões (2015 [1572]: 92), o livro de Isabel Cristina Mateus compila pequenos fragmentos de uma narradora que, ao longo de quarenta e três dias de Estado de Emergência em Portugal, se colocou à janela, observando os outros e observando-se a si também, quer no reflexo do vidro, quer no reflexo da alma. As crónicas da autora, primeiro publicadas na plataforma *Facebook* e, depois, por desafio de amigos e colegas, passando para o formato do livro, correspondem, de facto, ao todo que o livro pede: elas podem funcionar como uma espécie de diário íntimo de um “tempo detergente” (Mateus, 2020: 221) que, talvez num próximo século, seja bibliografia relevante para o estudo e compreensão sociológica daquilo que foi este tempo pandémico. O livro de Isabel Cristina desafia os limites temporais da crónica e prova que é possível deixá-la, não só fixar um

tempo⁶, mas também fixar-se no próprio tempo, como seu testemunho histórico, pessoal, mas relacionável com qualquer um de nós. É também esta a característica do bom cronista: a capacidade de falar de si, do trivial e mundano, mas com a sensibilidade de tocar em relações de semelhança com o leitor, pela capacidade que o texto tem de espessar paisagens interiores. A atenção ao outro é sem dúvida outro dos traços do bom cronista: tal como no humor, o segredo da boa crónica consiste em olhar para o trivial, quer na linguagem, no objeto, na história ou na personagem e desfocá-lo, ressignificando as imagens obtidas.

Depois de uma introdução de carácter mais genológico do que propriamente a respeito do livro que me proponho analisar, gostaria de me deter em alguns aspetos em particular, que me chamaram à atenção durante as leituras do livro – porque o livro de Isabel Cristina Mateus convida a mais do que uma.

O primeiro aspeto é, sem dúvida, o título. Recuperando, talvez, o filme e o mote proposto por Hitchcock (1954)⁷, o espaço físico onde se encontra a cronista também é maioritariamente a janela do seu apartamento, espaço fechado, confinado, discreto, que lhe permite, antiteticamente, observar os outros de forma indiscreta. Tendo a capacidade de comunicar com o exterior, a janela da cronista permite-nos, ainda que sob a moldura desse espaço físico e assumindo as diferentes perspetivas do olhar da observadora, reconstituir um espaço social e psicológico num tempo bizarro. Ao nível social, percebemos que a autora se situa num bairro de classe média, constituído por um conjunto de prédios com uma ou mais varandas à sua volta, que permitem

⁶ “Decidi escrever no interior de um tempo confinado. Não “depois de” um estado de emergência, mas durante a travessia. No coração dos dias e no durante ocasional das palavras. No breve sopro de uma crónica.” (Mateus, 2020: 24).

⁷ “Janela Indiscreta”, de Hitchcock coloca o protagonista “preso” à janela da sua casa, após fraturar uma perna, para conseguir uma fotografia no melhor ângulo possível. Restringido a esse espaço, o protagonista começa a observar o quotidiano dos seus vizinhos, até que, dentro da banalidade do suceder dos dias, o comportamento de um dos vizinhos o chama particularmente à atenção: o suspeito desaparecimento da esposa deste fá-lo querer investigar mais sobre um possível crime, com a ajuda do seu cônjuge.

que os vizinhos comuniquem entre si, através do exterior. A própria autora, a propósito do espaço da varanda, torre de vigia de um conflito onde a guerra é metáfora premente, diz:

Por estes dias de emergência, as varandas são lugares nómadas, tão instáveis como o vírus, mutáveis espaços de invenção. São varandas resistentes ao acromatismo dos dias, cantoras na noite de Itália, palco de múltiplos eventos, concertos, *performance*, teatro. [...] // São escritórios, ginásios, recreios, ateliers de *bricolage*, cozinhas improvisadas, bares, um *open space* de fuga à prisão em que se tornou a casa. Elos que nos religam ao próximo, ao vizinho da rua ou do outro lado do mundo. As varandas conseguem abolir fronteiras, quebrar os muros do isolamento e da privacidade que erguemos contra o real. Nestes dias confinados, até as janelas mudaram. As nossas janelas do sul deixaram de ter cortinas e aprendem a abrir-se ao exterior, a viver no espaço público, a amar a luz como as janelas do norte. (Mateus, 2020: 165-166)

É neste espaço confinado da janela e da varanda, mas com ligação ao lado de fora, que Isabel Cristina Mateus tenta emular algumas das personagens do filme de Hitchcock. Na crónica intitulada “Janela indiscreta”, recordamos alguns dos vizinhos do protagonista do filme⁸:

Nestes dias de forçado confinamento, faço da janela o meu posto de observação. A minha torre de vigia. A minha câmara. Não sou fotógrafa, não tenho olho verde nem binóculos e, felizmente, não tenho uma perna partida. Mas nem por isso deixo de estar em isolamento nem deixa de ser indiscreta a minha lente. // No prédio cinza, alinhado em ângulo recto com a minha varanda, o homem dos bíceps espanca o tapete com

⁸ Colocando-se no papel de James Stewart, à janela, a cronista vai fazendo a reconfiguração de algumas personagens do filme: a musa do fitness, o casal que, em breve, fará cama na varanda, a senhora que trata o cão como filho, a comparação com o crime que a janela permitirá ao protagonista do filme presenciar.

inusitada violência. Bate-lhe com um pau ou bastão, não consigo perceber a esta distância. O som de cada pancada é brutal, repercute-se na vizinhança, ecoa pela rua esvaziada de ruído como um grito, um pedido de socorro. Duvido que o tapete resista ao tratamento: não há fibra, mesmo sintética, que aguentar. Talvez o *action man* queira matar o vírus por espancamento, defenestrá-lo, vingar-se da prisão domiciliária. [...] À minha janela indiscreta só falta o crime que há-de fazer de mim um James Stewart no feminino. // [...] // A boazona do quinto esquerdo cultiva o *body*, apesar do fecho dos ginásios e da ecovia. Vestida a rigor para o *fitness*, vibrante de cor, toda esculpida e bronzeada, não há vírus que a detenha. Vê-la sair assim, tão formosa e bem segura, faz-me invejar quem não está em teletrabalho.

(Mateus, 2020: 50-52)

Na crónica seguinte, intitulada “A Coronela”, voltamos a encontrar novas personagens que parecem recuperadas do filme de Hitchcock, como o casal que quase vive na varanda, que passo a citar:

No terraço em frente da minha varanda, a mulher do roupão cor-de-rosa continua a transferir a casa para o exterior. Talvez isso lhe dê a ilusão de não estar confinada. O terraço comporta agora, para além da casota do cão e dos cinquenta vasos de rosas, uma mesa de jantar, dois toldos, um estendal, um grelhador, um pequeno sofá e uma cadeira de baloiço. [...] Não tarda, com o avanço da primavera, a cama virá ocupar o seu lugar e as noites da rua ficarão mais quentes. Quem sabe não esconjuram o vírus.

(Mateus, 2020: 56)

O livro de Isabel Cristina Mateus, para além de procurar recuperar, pela paródia, algumas personagens, vizinhas de James Stewart, e suas também, apresenta-nos outras, igualmente originais, quase sempre sob uma matriz cómica, o que lhes justifica a homenagem, em forma de título de crónica. Referirei algumas, como “a mulher dos cabelos de nuvem”, mulher impecavelmente ordenada, que contrasta com a desordem que vai no mundo:

Tudo nela obedece a um princípio interior de ordem, a um esforço de conjugação de estilos, de texturas e de cores (invariavelmente declinadas em tons pastel) que, mais do que o desejo de atrair o olhar alheio, traduz a angústia metafísica e a insegurança que a habitam. Domina-a um ir-reprimível desejo de impor ordem nas coisas por não suportar a ideia de viver num mundo dominado pelos caos ou pelo grotesco.

(Mateus, 2021: 96)

Os cómicos treinadores de bancada, tristes nas suas casas, com os cafés fechados ou o “guardador de promoções” que, dentro da sua comicidade, origina trocadilhos e vale uma pesada consideração da autora:

Olho-o e não posso deixar de pensar nesta estranha forma de desamparo provocado por um vírus que condena o guardador de promoções à condição de desempregado dos dias. E, sem querer, vêm-me ao fio do pensamento, num *pack* grátis de imagens, os milhares, talvez milhões de desempregados por esse mundo fora, vítimas da pandemia global que agora ganharam rosto. Gente que não sabe se terá jantar para dar aos filhos até ao final do mês. [...] Gente a quem falta tudo, casa e comida, com ou sem promoções.

(Mateus, 2020: 129)

A vizinha que pedala, leve, como se a bicicleta a fizesse sair da varanda e passear, livre e com um cesto transportando um livro e “um ramo de flores campestres acabadas de colher, a combinar com as flores do vestido” (Mateus, 2020: 150).

As personagens das crónicas de Isabel Cristina são inúmeras, homenageando aqueles que foram fazendo parte de um quotidiano livre e, depois, de uma emergência confinada, em que muitas delas, personagens ficcionais, ou caricaturas com resquícios do real, foram ganhando protagonismo e foram sendo o mote para a exposição de alguns dos problemas sociais que uma pandemia inesperada veio acentuar: a solidão, a fome, o desemprego, o medo, o desamparo dos mais velhos, a violência doméstica, as

desigualdades sociais e as vivências diferentes de um confinamento passado numa casa sem pão ou num palacete na Toscana⁹.

É também graças às personagens de *Janela Indiscreta – Crónicas da emergência* que o livro ganha um certo carácter filosófico, transportando para a crónica os livros e os autores que revolucionaram o pensamento moderno. É neste espaço comum que, por exemplo, Isabel Cristina Mateus e Lídia Jorge novamente se encontram, talvez por terem gostos literários semelhantes. Ambas as autoras tecem considerações sobre *A sociedade do cansaço*, mostrando leituras refinadas sobre as ideias desenvolvidas por Byung Chul-Han, a propósito do cansaço que esta pandemia veio apurar. Valerá a pena, portanto, uma citação desse encontro:

Cada um de nós transformou-se num pára-raios onde desferem a cada instante solicitações que nos surgem como ameaças de usurpação do nosso tempo restrito e do nosso pequeno espólio. [...] // Existe uma espécie de mão estendida atrás de nós, permanentemente, querendo usar-nos, abusar-nos, levar-nos o que temos, usurpar sem esforço o que ganhamos com esforço. Não admira que no meio de tudo isto, a gentilha e o respeito pelas pessoas se tenha alterado.
(Jorge, 2020: 141)

⁹ Também Ricardo Araújo Pereira, ainda que não de forma exclusiva, foi tratando estas preocupações, nas suas crónicas, que depois compilou no livro *Ideias concretas sobre vagas* (2022). A título de exemplo, em “Efeitos secundários da covid”, Ricardo Araújo Pereira, recorrendo à ironia que lhe é característica, alerta para as desigualdade provocadas pela pandemia, diferentemente sentidas em cada família: “Mas as pessoas que não são afectadas pelo brutal aumento do desemprego, pelas falências em massa e pela recessão económica agradecem muito à covid estes tempos de reclusão, que têm sido tão bons para intensificar o contacto com a família, editar sobre o sentido da vida e alinhar os chacras”. “Fez-nos dar valor ao que é mais importante, dizem elas, confortavelmente instaladas nos seus sofás, iniciando o visionamento de uma série da Netflix juntamente com os seus entes queridos. Só é pena que nem toda a gente veja a pandemia com olhos doces. Pessoas menos sensíveis ao que é mais importante na vida, e que dão bastante importância precisamente àquelas questões menos importantes e até mesquinhas, como ter dinheiro para pagar a renda e a conta da mercearia, não têm desfrutado tanto dos ensinamentos da covid.” (Araújo Pereira, 2022: 30).

Tendo por título “A fragrância das coisas”, a crónica de Lídia Jorge vai ao encontro das reflexões de Isabel Cristina Mateus, na medida em que ambas procuram, com as suas crónicas, ajudar os leitores a captar novamente aquilo que há muito se perdeu: a arte da fruição, da contemplação de que fala o autor de *A sociedade do cansaço*. É aqui que a crónica revela também o seu hibridismo, na medida em que toca na vertente ensaística: partilhando com o leitor a sua biblioteca pessoal e as suas leituras sobre um dado tema, o cronista discorre sobre uma tese e vai expondo a sua perspetiva sobre ela, partindo sempre do princípio de que o leitor não conflitua com o seu ponto de vista e que o acompanha ao longo do seu raciocínio. Encontrando-se com Lídia Jorge, Isabel Cristina diz, a respeito do caminho que a sociedade traça:

A sociedade do cansaço em que vivemos e a pandemia tornou ainda mais evidente. A sociedade de uma violência neuronal, de um “excesso” que, como observou Byung Chul Han, nos deixa à beira do funcionamento imunológico. Por muito que estes dias anómalos tenham ressuscitado o princípio viral, lembrando-nos que o objeto da defesa imunológica é sempre a eliminação daquilo que nos é estranho ou desconhecido, bactéria ou vírus, a violência neuronal exercida sobre cada um de nós continua a ameaçar-nos, a desintegrar-nos por dentro. A corroer a nossa identidade. (Mateus, 2020: 174)

De forma despreziosa, as crónicas possuem a capacidade de traçar um mapa do estado das coisas, assumindo, assim, uma vertente pedagógica, que vai além do deleite. Focando-se no que está à vista e naquilo que a sua lente capaz de ver por dentro consegue fazer, qual Blimunda, o cronista é o atual responsável por nos trazer uma nova perspetiva do espaço, do tempo e, em suma, da sociedade. A forma breve da crónica pode ser uma aliada num tempo em que a leitura não está propriamente na moda: de carácter leve, tom jovial, – recuperando as tão repetidamente citadas palavras de Eça de Queirós – o texto da crónica traz pequenos apontamentos que convidam o leitor a desenvolver a sua curiosidade. É também este o papel dos livros que se têm publicado, quer na forma de crónica contínua (como o livro de Isabel

Cristina Mateus, integralmente focado na vivência em pandemia) ou sob a forma de antologia de um só autor (como António Lobo Antunes ou Manuel António Pina) ou compilando ainda vários nomes, como são exemplo as publicações encabeçadas por Fernando Venâncio (2004) ou, mais recentemente, por Carina Infante do Carmo (2018), no panorama português.

Ainda a propósito dos traços híbridos da crónica, não poderíamos deixar escapar algumas características interessantes no livro de Isabel Cristina Mateus: em primeiro lugar, a autora parece ter claro para si que a crónica não cabe em caixas estanques e, por isso mesmo, o seu livro não procura obedecer a um padrão uniforme, ainda que essa uniformidade se alcance através do sentido. O mesmo não acontece com a forma: tendo sempre como centro o período de confinamento em que nos encontrámos entre março e abril de 2020, a autora parece “dançar sobre o caos dos dias” (Mateus, 2020: 141), dançando também sobre a forma do texto. “Janela indiscreta” é uma espécie de diário de um confinamento, porque obedece, mas não de forma integral, às características do género: a escrita quase diária ao longo de quarenta e três dias, o tom confessional e a expressão do “eu”. Não existe, no entanto, um interlocutor fictício, abstrato a quem a autora se dirija. Cabem, neste “diário”, a ficção e a inverosimilhança: a título de exemplo, na crónica “Mulher ao espelho”, Isabel Cristina Mateus coloca-se no papel da personagem, em conversa com o próprio espelho, pouco simpático, por sinal. O espelho dá-lhe conta do cansaço acumulado, das rugas que se acentuaram, enfim, do quanto a mulher ainda é muito pressionada para não envelhecer. O conflito termina com a narradora a ignorar o espelho de olhar ríspido, como que libertando-se do seu próprio escrutínio de si e tentando aceitar-se, mesmo sabendo que o tempo lhe terá deixado marcas físicas da sua passagem.

Neste desafio às potencialidades híbridas da crónica, Isabel Cristina Mateus arrisca ainda o formato da poesia, escrevendo prosa em verso. Este é, talvez, o aspeto mais interessante das formas exploradas pela autora, obrigando quem se debruça sobre o texto a investigar sobre o conceito de poesia e a compreender o que cabe no seu formato. Consequentemente, a autora mostra também, ainda que numa tese sem fundamento de palavras (apenas de forma) que na crónica cabem outras formas, tal como no conto.

Exemplos destes textos serão “Animais feridos” e “Páscoa rima com pássaros”. Importará ainda salientar que todos estes versos seguem uma linha de continuidade com as crónicas anteriores, esbatendo a nível semântico eventuais incompatibilidades de composição.

FECHANDO A JANELA PARA ABRIR A PORTA – CONCLUSÕES

Em síntese, este artigo procurou mostrar que o livro de Isabel Cristina Mateus oferece ricos contributos para a compreensão e exploração da crónica enquanto género literário: procurei demonstrar de que forma desafia o espaço e o tempo; como explora as personagens; como desenvolve paralelismos com outras realidades e artes, como o cinema e outras obras literárias. Procurei mostrar que a crónica aceita desvios, ou que eles fazem parte do género, sendo, por isso, percursos, pendendo para o ensaio, o diário ou o poema. Pela relação de continuidade que os vários textos estabelecem entre si, fica visível também um novo conceito de crónica, que não se viu no século XX e que só agora se começa a praticar: a crónica cabe no livro e não precisa de pertencer a uma sequência subjetivamente ordenada de textos avulsos, resultantes de publicação prévia no formato da imprensa.

Pela exploração da palavra, pela forma excecional com que explora as categorias narrativas que referi, de forma despretensiosa, creio que acabei também por demonstrar que as crónicas de Isabel Cristina Mateus podem e ganham em ser analisadas como textos literários, que em nada se diminuem quando comparados ao conto ou a outros textos de forma breve.

Por último, mas não menos importante, o subtítulo “Crónicas da emergência” torna claro que, além de modelo para o género da crónica, este livro assume ainda um importante carácter documental de um tempo estranho, dominado por um vírus vindo de parte alegadamente certa (Wuhan), mas que rapidamente espalhou a incerteza e veio gerar um conflito à escala mundial, não apenas de ordem sanitária, mas também de ordem pessoal, unindo todos pelos mesmos medos e pela mesma incapacidade de defesa de um vírus que se fixou tanto em classes desfavorecidas, como nas elites sociais. Note-se ainda, finalmente, que muitos foram os cronistas que foram dedicando a sua

coluna semanal ao tema da pandemia, ainda que não tenham compilado os seus textos num livro dedicado em exclusivo ao tema, como sucedeu com Isabel Cristina Mateus, no referido livro, ou com Ricardo Araújo Pereira em *Ideias concretas sobre vagas* (2022). Dulce Maria Cardoso, Capicua, Lídia Jorge, Joana Marques e Patrícia Portela são alguns exemplos de cronistas que também se dedicaram ao tema e que também valem uma leitura atenta.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Pedro Dias de (2009). Entrevista a Manuel António Pina. In *Visão*. Retirado de <https://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/2012-10-19-entrevista-a-manuel-antonio-pina692243/>
- Araújo Pereira, Ricardo (2022). *Ideias concretas sobre vagas*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Camões, Luís de (2015 [1572]). *Os Lusíadas*. In Emanuel Paulo Ramos (Ed.). Porto: Porto Editora.
- Gledson, John (2006). Apresentação. In John Gledson (Org.), *Conversa de burros, banhos de mar e outras crónicas exemplares* (11-35). Lisboa: Livros Cotovia.
- Jorge, Lídia (2020). *Em todos os sentidos*. Lisboa: D. Quixote.
- Martins, José Cândido Oliveira (2021). Vidas suspensas em tempos de pandemia: olhares e discursos plurais da crónica. *Policronias – Revista de estudos do discurso, imagem e som*, 6, 2, 96-124.
- Massi, Augusto (2021). *Os sabiões da crónica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Mateus, Isabel Cristina (2020). *Janela indiscreta - Crónicas da emergência*. Lisboa: Labirinto.
- Prata, Antonio (2015). Seminovos, único dono. *Folha de S. Paulo*, 31.05.2015.
- Sá, Jorge de (1985). *A crónica* (2ª ed.). São Paulo: Ática.
- Santana, Maria Helena e Elia, Sílvio (1995). Crónica. In *Biblos. Enciclopédia das Literaturas de Língua Portuguesa (1386-1390)*. Lisboa: Verbo.
- Santana, Maria Helena (2003). A crónica: a escrita volátil da modernidade. In Maria Saraiva de Jesus (Coord.), *Rumos da Narrativa breve* (9-19). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sousa Dias, A. (2014). Manuel António Pina, cronista. In Manuel António Pina (Ed.), *Por outras palavras & mais crónicas de jornal* (7-10). Porto: Modo de ler.
- Veríssimo, Luís Fernando (1999). Crónica e ovo. In Luís Fernando Veríssimo, *O nariz e outras histórias* (4). São Paulo: Ática.

